

RESENHA

Resenha do Livro da professora Maria Teresa Santos Cunha

por Fábio Gadotti¹

Mocinhos e mocinhas

Obra desvenda universo dos romances de M. Delly

No país das telenovelas, em que mocinhos e vilões monopolizam o imaginário popular há décadas, oportuno uma obra que trate dos romances populares dos irmãos Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (1870/1949) e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (1875/1947), assinados como M. Delly, populares entre as jovens brasileiras de classe média entre as décadas de 1930 e 1960. Trata-se da tese de doutorado em educação pela Universidade de São Paulo (USP) defendida pela professora Maria Teresa Santos Cunha e transformada em livro, recentemente, pela editora Autêntica, de Belo Horizonte.

Privilegiando abordagens multidisciplinares que, segundo a própria autora na apresentação, "tem lá sua dose de risco", o trabalho pretende identificar com clareza as principais características dos romances de M. Delly e explicar seu enorme sucesso editorial. A partir da compreensão da estrutura "bem definida" dos enredos, centralizadas sempre nos heróis/heroínas e seus respectivos antagonistas, a pesquisadora busca a resposta de algumas indagações quanto a influência das publicações junto ao público receptor. "Sua apresentação vistosa, com capas coloridas e títulos atraentes, contribuiu para favorecer a leitura? Alimentou o imaginário?" são apenas dois dos questionamentos elencados pela professora Maria Teresa, que cita "Um Ideal de Mulher: Estudo dos romances de M. Delly", de Rosane Manhães Prado, como "referência importante para a compreensão dos padrões específicos que compõem um 'modelo de mulher' representado naqueles romances".

¹ Aluno do Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania, 1ª edição, do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da UDESC.

Além da óbvia leitura dos romances originais que causaram *frisson* nas décadas de 30 a 60, do referencial teórico e da pesquisa em jornais diários que circulavam na época, Maria Teresa Santos Cunha colheu depoimentos de seis mulheres "professoras, brancas, de classe média e idades entre 48 e 66 anos", de Florianópolis e São Paulo. Com as entrevistas, classificadas como "complemento", a autora procurou "exemplificar os diferentes discursos provenientes da leitura de um mesmo texto". Talvez um dos grandes méritos do trabalho seja justamente o de buscar várias "leituras" sobre os romances cor-de-rosa, tendo em vista, inclusive, a própria visão da autora, também uma "ex" leitora dos títulos de M. Delly. Maria Teresa utiliza a "narrativa como procedimento teórico-metodológico". Dessa forma, sente-se mais à vontade para "historicizar conceitos, compreender valores, descrever e analisar normas e condutas".

O primeiro ("Fugir um pouco desse mundo") dos cinco capítulos da pesquisa trata basicamente do perfil da leitora dos romances e procura explicar o fértil mercado literário formado em torno desse tipo de história. Lembra, inicialmente, que a associação mulher/romance que se firma durante o século 18 está ligada ao romantismo - "um movimento marcado pelo predomínio do sentimento sobre a razão clássica"- e que no auge "cantava-se o amor, a emoção, as liberdades individuais, um retorno ao passado, uma idealização da mulher no plano literário". Também relata a forte influência cultural francesa e a mudança da vida nas cidades, que passam a "oferecer outras alternativas de convivência social" e levam a uma reorganização do tempo e das atividades femininas, "propiciando, nas classes mais abastadas, espaço para o lazer, para o ócio". Os livros, segundo ela, passam então a desempenhar papel importante no "combate" ao ócio feminino, visto com horror pela Igreja Católica pelos "maus pensamentos" que poderia estimular. O capítulo explica também que as obras do casal de irmãos franceses, sob pseudônimo de M. Delly, começam a ser editadas na França, a partir de 1910, com o "incentivo da Igreja Católica". A igreja passa a estimular a leitura de 'romances honestos', que deveriam ser referência para os fiéis e presença obrigatória nos acervos das bibliotecas paroquiais e escolas femininas mantidas pela Igreja.

"Em primeiras cerimônias de apropriação de capas, de títulos, de letras", o segundo capítulo do livro de Maria Teresa Santos Cunha, trata dos signos apresentados e

de como funcionaram para o aparecimento de um "imaginário romântico" ainda presente com força nos dias de hoje. As capas, elaboradas para serem atraentes e evidente chamariz para aumento das vendas, conduziam a um mundo de "fantasia, do encantamento, da epopéia, dos contos de fadas". As heroínas, lembra a autora, eram normalmente retradas em ambientes suaves, preferencialmente de branco. As capas, com algumas exceções também captadas pela pesquisadora, reforçam estereótipos. Há, por exemplo, "a convenção da mulher clara (loura) como angelical, a convenção do homem (herói) como forte e vigoroso".

A partir da curiosa constatação de que os nomes das virtuosas heroínas dos romances designavam também as noivas, jovens mães e recém-nascidos citados na revista "Pétalas", do tradicional Colégio Coração de Jesus, a autora pormenoriza no capítulo seguinte ("Instruções para educar. Instruções para seduzir") as características, inclusive físicas, dos protagonistas das histórias. Uma das constatações interessantes: "Em todos os romances o tipo físico parecia condicionar a personalidade. Não havia vilãs claras, eram todas bem morenas, 'trigueiras".

O fascínio pela riqueza e pela ostentação aparece no capítulo "M. Delly alimenta a imaginação. Nobres, ricas, felizes". Ao descrever os traços principais das obras, a pesquisadora afirma que maior parte das histórias "privilegiava os valores e comportamentos a aristocracia européia vagamente situada entre os finais do século XIX e inícios do século XX". Eram obras que tinham objetivo de divertir sem questionamento dos valores sociais. O cenário, encantador, escamoteava a realidade das ruas.

Ao final da bem cuidada publicação da editora Autêntica, Maria Teresa Santos Cunha nos remete, de forma oportuna, ao *happy end hollywoodiano* e ao ideal de felicidade dos folhetins das novelas atuais. E nos faz refletir sobre os conceitos embutidos na literatura, mas principalmente na cinematografia e teledramaturgia do final do século XX. Com exceções pontuais, a produção contemporânea reproduz clichês e estereótipos. Heroínas sofredoras, galãs vigorosos, vilãs sem qualquer traço de humanidade e capítulos finais com incontáveis casamentos, a redenção das mocinhas, ainda persistem. E têm público!